



O TIRO QUE INCENDIOU A EUROPA

FRANCIS LEARY

Há 60 anos, um jovem terrorista, em busca de independência, para seu povo, assassinou um importante líder político. Este ato foi algo mais que um adendo às páginas da História — pois em breve mergulhou toda a Europa e grande parte do mundo no maior holocausto conhecido até então

NO DIA 27 de junho de 1914, um sábado, o Arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro habsburgo do trono austro-húngaro, recebia para jantar o governador militar da Bósnia, General Oskar Potiorek, e outras autoridades locais, em Ilidze, um pequeno balneário próximo à capital provincial de Sarajevo. Enquanto a banda da

guarnição tocava valsas vienenses, o arquiduque e sua mulher, Sophie, Duquesa de Hohenburgo, discutiam a visita que fariam a Sarajevo no dia seguinte.

Aos 50 anos de idade, Francisco Ferdinando era um daqueles autocratas ranzinzas, com empapuçados olhos azuis e um bigode eriçado como as cerdas de um javali. Famoso por seus ataques de fúria, era, no entanto, um chefe de família exemplar, profundamente devotado à mulher e aos três filhos.

O império que ele iria governar estava, naquela época, minado por correntes separatistas, com seus 50 milhões de súditos divididos numa confusão de grupos raciais. Apesar das grandes possibilidades comerciais, cultura e relativa tolerância que faziam desse império um ideal mais viável do que qualquer outra solução que seus inimigos nacionalistas pudessem oferecer, o fato é que ele estava sendo o alvo de grandes tensões — como, aliás, todo o resto da Europa. Em todo o continente, duas grandes alianças militares pareciam prestes a confrontar-se: a Tríplice Aliança, composta da Alemanha, o Império Austro-Húngaro e Itália, contra a Tríplice Entente da Inglaterra, França e Rússia. Empenhados numa terrível corrida armamentista, cada qual se preparava para mobilizar milhões de homens. A Europa parecia a ponto de explodir.

A viagem do arquiduque à Bósnia estava prevista há vários meses. Ele próprio tinha planejado tudo e como,

até então, as coisas iam bem, nada parecia justificar a advertência de autoridades locais quanto a um plano terrorista contra os Habsburgos.

Os temores de uma tentativa contra a vida do arquiduque cresceram, após uma agitação pan-eslava na Bósnia — que o Império Austro-Húngaro anexara seis anos antes — e na vizinha Sérvia. Esses temores foram deliberadamente insuflados pela Rússia, que se fazia passar por protetora da Sérvia e dos eslavos do sul. Embora Francisco Ferdinando, em oposição à corte, fosse favorável a dar aos sete milhões de eslavos do sul um *status* nacional semelhante ao dos austríacos e dos húngaros, os mais radicais não abdicavam da vontade de se desligarem do jugo habsburgo e criarem uma nação eslava independente. Mas, para Francisco Ferdinando, era desnecessário instalar cordões de isolamento nas ruas durante sua visita de boa vontade a Sarajevo.

O próprio General Potiorek, responsável pela segurança, não tomou precauções especiais. Quando o chefe da polícia de Sarajevo o advertiu sobre os assassinos, Potiorek respondeu: «Você está vendo fantasmas ao meio-dia!» Embora os terroristas adeptos do movimento nacionalista, conhecido como «Jovem Bósnia», já tivessem tentado por seis vezes assassinar, sem êxito, autoridades habsburgas, Potiorek dizia que eles não passavam de «crianças mal-educadas».

A 28 de junho, domingo, Francisco Ferdinando se levantou cedo,

Na gravura, a cena do assassinio do Arquiduque Ferdinando e sua esposa, retratada por um artista desconhecido. Mais abaixo, o assassino sendo preso pela polícia, logo após o crime, numa foto da época



vestiu a túnica azul e as calças vermelhas listradas de general austríaco de cavalaria e colocou seu quepe de plumas verdes. Sophie usava um longo vestido branco. Às 10:17, eles se instalaram no banco traseiro de um carro aberto, o terceiro num desfile de seis. Potiorek sentou-se de frente deles, enquanto o Conde Harrach, proprietário do carro, tomou lugar ao lado do motorista, o qual ficava à direita, porque os austríacos guiavam no lado esquerdo da estrada. O desfile partiu para a Câmara Municipal de Sarajevo pelo Cais Appel, uma via com nove metros de largura, margeando o Rio Miljacka.

Na capital da Bósnia, com seus 50 mil habitantes, dois comitês de recepção esperavam o arquiduque: o oficial, instalado na Câmara Municipal, e um «comitê» de seis assassinos, ao longo da estrada. Três destes, jovens bósnios de 19 anos de idade, tinham sido supridos com bombas, revólveres e cápsulas de cianeto na capital sérvia de Belgrado, e posteriormente conseguido contrabandeá-los pela fronteira. Os outros três haviam sido recrutados em Sarajevo. Agora, os seis assassinos estavam escondidos ao longo do cais, três de cada lado, a intervalos de 100 metros.

Quando o carro do arquiduque passou lentamente, com sua bandeira imperial preta e amarela, gritos de «Zivio!» (Viva o Rei!) se ouviram da multidão. Três dos primeiros quatro assassinos tremeram, mas, no cruzamento com a Ponte Cumurja, estava Nedeljko Cabrinović, um jovem.

de faces rosadas, cabelos pretos e bigodinho. Embora seus companheiros de conspiração não o achassem digno de confiança, ele era o único que não tremia. A bomba que carregava era de ação retardada, com um pino de 12 segundos, para ser armada pelo choque do detonador contra um objeto duro. Cabrinović bateu a bomba contra um poste, mirou as plumas verdes do arquiduque e atirou-a.

A bomba caiu na capota dobrada do carro, atrás de Sophie, mas Francisco Ferdinando esticou o braço, apanhou-a e jogou-a na rua, onde ela silvou e fumegou por um instante. Então houve a explosão e o carro imediatamente anterior ao do arquiduque foi atingido por fragmentos da bomba. A dama-de-companhia naquele carro se levantou assustada, e pôde-se ver o seu vestido manchado pelo sangue do ajudante de Potiorek, ferido na cabeça.

Cabrinović engolia agora a sua cápsula de cianeto e saltava no Rio Miljacka, mas nenhum dos dois estratagemas funcionou. Ele logo vomitou o veneno e alguns passantes o arrancaram do rio. Enquanto isso, Francisco Ferdinando mandou parar o carro e destacou Harrach para investigar. Satisfeito porque ninguém morrera, o arquiduque disse aos nervosos oficiais: «É obra de algum lunático. Vamos continuar o passeio, cavalheiros.»

Uma vez dentro do edifício vermelho e amarelo da Câmara, Francisco Ferdinando explodiu finalmente sua ira contida sobre o ataque, e

então deixou-se ficar com os olhos vidrados, durante todo o discurso de boas-vindas do prefeito. Finalmente, virou-se para Potiorek: «Acha que haverá mais bombas?» Essa inocente pergunta, dirigida ao homem que falhara totalmente em protegê-lo, recebeu uma resposta igualmente inocente: «Sua Alteza pensa por acaso que as ruas estão cheias de assassinos?»

A essa altura, a programação oficial estava arruinada; era necessário decidir rapidamente o que se faria a seguir. A sugestão de alguém, de isolar as ruas com as tropas, foi rejeitada por Potiorek — porque os homens não estavam condignamente uniformizados. Finalmente, concordou com a proposta do chefe da polícia de que deveriam entrar no carro e seguir direto para a residência do governador, a Konak, a cinco minutos dali.

Francisco Ferdinando, no entanto, resolveu ir primeiro ao hospital para visitar o ajudante ferido. Podia-se chegar ao hospital tanto pelo cais como através da cidade, e Potiorek, apesar da bomba, decidiu que pelo cais era menos arriscado. No último momento, o arquiduque tentou dissuadir Sophie de acompanhá-lo, mas ela respondeu: «Se houver perigo, Franz, quero estar ao seu lado.»

Quando entraram nos carros, Potiorek ordenou aos motoristas: «Mantenham o roteiro planejado.» Mas o percurso inicialmente previsto virava no cais para a Rua Franz Josef; com a mudança de última hora, o novo roteiro significava ir

sempre pelo cais. Teriam os motoristas entendido a alteração? Parece não ter ocorrido a ninguém que a pessoa normalmente responsável pela transmissão de tais instruções fosse justamente aquela que eles iriam visitar no hospital — o ajudante de Potiorek.

O casal voltou ao banco traseiro do carro aberto, com Francisco Ferdinando à esquerda e Sophie à direita. Desta vez, o Conde Harrach ficou, com a espada desembainhada, ao lado do herdeiro da Áustria. Enquanto isso, num café perto do cais, um jovem tomava uma xícara de café, ruminando sua frustração. Era Gavrillo Princip, filho de um carteiro bósnio e um dos conspiradores de Belgrado. Abatido pelo fracasso de Cabrinović, pensava sobre o que iria fazer.

Às 10:45, Princip, que havia lido o itinerário original do arquiduque no jornal local, tomou o seu lugar na interseção da Rua Franz Josef com o cais. Quando o desfile se aproximou, ele hesitou entre a bomba e o revólver; de qualquer maneira, não tinha muita chance com nenhum dos dois, pois os carros passariam do outro lado do cais.

De repente, os dois primeiros veículos dobraram na Rua Franz Josef. Surpreso, o motorista do arquiduque deu uma abrupta guinada para a direita, a fim de segui-los, levando o carro para a pista próxima da curva. Esquecendo-se que deveriam seguir de qualquer maneira, Potiorek gritou: «Não é por aí, seu idiota! Continue em frente!»

Freando com força, o motorista parou exatamente na frente de Princip, a pouco mais de um metro dele. Sentado entre Harrach e Sophie, Francisco Ferdinando estaca acuado. O jovem levantou seu revólver, disparou e a bala penetrou no colarinho do uniforme do arquiduque. O rapaz tencionava matar Potiorek também, mas, como um grande pássaro branco, Sophie interpôs-se entre o marido e o assassino, ficando na linha de fogo. Ouviu-se outro tiro, e então o jovem submergiu numa sarivada de socos e pontapés desferidos pelos policiais.

Potiorek gritou para o motorista: «Para a Konak, o mais rápido que puder!» Lá chegando, puseram Sophie num quarto e Francisco Ferdinando num sofá do estúdio, mas, embora houvesse seis médicos disponíveis, Sophie estava perdida. A segunda bala de Princip havia lhe penetrado a virilha; morreu em poucos minutos, de hemorragia interna.

Quando os médicos rasgaram a túnica do arquiduque, um jato de sangue espirrou. A bala havia traspassado a garganta, estraçalhando a veia jugular. Os médicos tentaram tudo, mas não foi o bastante. As 11:15, um deles anunciou: «Os sofrimentos de Sua Alteza terminaram.»

A bala de Princip havia eliminado a mais forte influência para a paz. Embora a investigação não tivesse conseguido provar a cumplicidade do governo sérvio no assassinio, a 23 de julho Viena entregou a Belgrado um inflamado ultimato de 48 horas: a Sérvia deveria acabar

com toda aquela agitação antiaustríaca e abrir um inquérito judicial com participação da Áustria. A Sérvia se ofereceu para submeter o caso a arbitragem internacional, mas a Áustria, com o apoio incondicional da Alemanha, rejeitou a medida conciliatória e declarou guerra à Sérvia, a 28 de julho. A Rússia proclamou imediatamente a mobilização geral contra o Império Austro-Húngaro e a Alemanha, por agressão contra o seu aliado eslavo.

A estratégia alemã exigia uma guerra nas duas frentes contra os aliados, Rússia e França, pensando acabar logo com a segunda através de um ataque à neutra Bélgica. Dentro de uma semana, a Primeira Guerra entrou em erupção, quando a França se mobilizou e a invasão alemã à

Bélgica fez entrar em cena a Inglaterra. O ministro inglês das relações exteriores, Lord Grey, observou tristemente: «As luzes se apagarão em toda a Europa. Não as veremos acesas durante muito tempo.»

Os jovens bósnios responsáveis por este holocausto, julgados em outubro de 1914, foram condenados a longas penas de prisão, mas, em menos de quatro anos, Princip e Cabrinović morreram num calabouço austríaco. Deixaram um legado pouco invejável. Aquele rápido episódio numa rua de Sarajevo originou uma conflagração que custou as vidas de 10 milhões de pessoas, destruiu as autocracias que a começaram e, por bem ou por mal, permitiram a ascensão do Novo Mundo sobre as ruínas da velha civilização europeia.



SUE BEAN, mulher do astronauta Alan Bean, pôde fazer uma idéia da velocidade a que voava seu marido quando foi ao quintal de sua casa, em Houston, Texas, para ver o Skylab II (com ele dentro) passar no céu, logo após o disparo. «Ao entrar em casa, minutos depois», diz ela, «o radiophone especial instalado na residência das famílias dos astronautas estava piscando. Quando atendi, era Alan, dizendo que se encontravam sobrevoando Madrid.»

— *Washington Post*

UM CONHECIDO meu me contou que sempre foi muito distraído a respeito de chamar táxis e ajudar senhoras a entrar neles ou a sair. As mulheres costumavam classificá-lo de pouco masculino, pouco gentil ou ambas as coisas. Agora, ele continua a ser tão descuidado como sempre, mas as mulheres (depois do Women's Lib) o consideram «politicamente consciente».

— L. G.

«O CUSTO de vida está me pondo maluco», disse um amigo. «Outro dia, pedi ao caixeiro de uma loja para me trocar 50 centavos e ele disse: *Ah! Isso vai lhe custar 60 centavos.*»

— A. O.